



Um dia de uma elegante lisboeta do século XVIII

TENHO a honra de lhes apresentar uma das mais célebres elegantes lisboetas do século XVIII, — a menina Luiza de Sousa Villanova, 19 annos, orphã de mãe, e filha do desembargador do Paço D. Diogo Esteves de Villanova, que por volta de 1753 servia na Chancellaria da Côrte e casa da Supplicação de Lisboa.

Tenho a honra de a apresentar, porque é o typo perfeito da «frança» do meado do século, da «frança» D. José, cheia de joias, coberta de polvilhos, mosqueada de signaes, rica, futil, caprichosa, beata, — e tão linda quanto lh'o permite o seu penteado monstruoso, a sua *maquillage* excessiva, as vinte môscas de tafetá que lhe pontuam a face, a luneta de punho d'ouro e d'um vidro só, levada constantemente á orbita esquerda...

Não a estão vendo, bem sei, — porque são apenas 8 horas da manhã e a nossa elegante a esta hora ainda se conserva recolhida: mas vêem a tapeçaria de Arrás que dá para os seus aposentos, — aquella velha tapeçaria d'um verde-pallido, vagamente tecida d'ouro, aqui e ali, e onde duas grandes personagens desbotadas gesticulam, meio dissimuladas nas dobras do estofo...

É por detraz d'aquella tapeçaria que ella está, — talvez dormindo. Esperemos que a nossa «frança» acorde e sacuda a campainha de prata da cabeceira, pequenina como um guizo, leve como um brinquedo: a *dueña* e a moça de camara correrão immediatamente, sollicitas, apressadas, — a moça com as chinellas e as roupinhas, a *dueña* com o espelho de mão para a menina se vêr...

Mas enquanto a campainha não toca e ellas não chegam, vou dizer-lhes o que era, por volta do meado do século XVIII, o typo tão característico da «frança».

A «frança» é a elegante de 1750, chamada assim pelo vicio de imitação das modas francezas. Tem como predecessora a «preciosa ridicula» do século XVII e como sucessora a «sécia» de 1790. Está entre a *Carta de Guia de Casados* e os serenins de Queluz. Não tem privilegios em nenhuma camada social: a «francezia» invade tudo, infiltra tudo, — desde a nobreza *vieille-roche* até á ultima burguezia, desde o tecto d'ouro da *Sala dos Veados* até aos telhadinhos equivocados do Mocambo e do Bairro Alto. Está em toda a parte, vê-se em toda a parte, nas procissões, nas novenas, na *Comédia*, no Paço, com a sua espantosa saia de bambolins, os seus penteados complicadissimos feitos de véspera, o seu monstruoso diamante da testa á laia d'unicornio, a sua voz de falsete, os seus passinhos dançados, a sua face pintada e mosqueada de signaes. É uma *charge*, é uma caricatura. Mas a sua «francezia» não vae mais longe: limita-se ás modas. A «frança» e o seu modelo parecem-se apenas por fóra. Enquanto a elegante franceza do século XVIII creava um typo, dava leis, fazia opinião, decidia da vida litteraria do seu tempo; enquanto nos salões da marquiza de Lambert, de Madame Du Deffand, de Madame d'Aiguillon, de Madame de Tencin, as mulheres «*grip-pées de philosophie*», elegiam academicos, nomeavam magistrados, discutiam Cicero, Séneca, Plinio, Horacio, contribuiam para a publicação do *Espirito das Leis* de Montesquieu e tratavam d'egual para egual La Motte, Fontenelle e Marivaux, — a nossa «francasinha» lisboeta, ainda a mais nobre, educada por frades, creada debaixo das saias das *dueñas*, dengosa, futil, beata, sensual, era o que pode imaginar-se de mais deliciosamente inculto e de mais encantadoramente ignorante. A sua «francezia» era toda exterior: não passava das joias, dos le-



«A MENINA AINDA DORME...»

ques, dos penteados, das medidas. Lá por dentro não havia nada de mais portuguez. Muito devota, muito inculta, muito sensual, rodeavam-n'a frades, sempre frades, eternamente frades. Uma procissão, um *Lausperenne*, um papagaio, um lundum, uma bôba mulata, — e ahi estava uma «frança». A sua mais alta expressão de intellectualidade consistia em dar «notes» n'um outeiro, em tocar péssimamente Haydn n'um cravo e em ensinar inconveniencias ao papagaio. Em resumo, a elegante lisboeta do século XVIII, era... era...

Prompto: a campinha. A nossa «frança» que acordou.

Ahi vem já a creada com as «roupinhas do levantar», as chinellas de velludo que mal caberiam n'uns pés de creança, o pequenino espelho de mão de prata lavrada, — e atraz, muito grave, muito composta, muito bem toucada, a dona velha com umas fructas de conserva dentro d'um prato da India: é o *petit-dejeuner*. A guarda-porta de Arrás afasta-se um pouco para ellas passarem, e nós vemos ainda, rapidamente, n'uma vaga névoa doirada, as roupas desfeitas d'um leito e um lindo braço côr de rosa pendendo na indolencia do despertar... Mas descancem: não vemos mais nada. A tapeçaria tem o bom senso de cahir de novo, pesada,

mysteriosa, — e diante dos nossos olhos ficam apenas, oscillando, as duas grandes personagens desbotadas que gesticulam, tecidas d'ouro, no fundo pallido d'um bosque...

Deixemos a «frança» fazer a sua *toilette*, — e sejamos discretos. Já o dizia o precioso abbade de Choiseuil a certa marquezinha pouco escrupulosa: — «Quando uma mulher bonita sae da cama, todo o homem de espirito deve fechar os olhos».

Fechemos pois os olhos, como o abbade de Choiseuil. Aquella tapeçaria é sagrada para nós, — e para o celebre e pittoresco Muffiéri, cabelleireiro das meninas da moda, que acaba de entrar na antecâmara e de pousar sobre um tremó doirado uma multidão inverosimil de frasquinhos, de ferros, de borlas de polvilhos, de tigelinhas de côr, de papellinhos de pós de França, — de coisas insignificantes, minúsculas, complicadas, pertencentes á nobre arte de riçar, de frisar, de encannudar, de polvilhar, de fazer d'uma linda cabeça uma deliciosissima monstruosidade.

Observemos o senhor Muffiéri: vale a pena, porque o senhor Muffiéri é célebre.

Imaginem um velho saltitante, com uma casaca de sêda preta muito justa, uns bofes de renda monstruosos, umas pernas magrissimas alongadas ainda pela moda franceza dos «rolos», a cara pintada de carmim, os dedos cheios de pedras falsas, dançando em vez de andar, cantando em vez de falar, ridiculo, precioso, meudinho, insinuante, — e ahi teem a figura tão pittoresca do cabelleireiro da senhora marquezinha de Marialva, da senhora condessa de Tarouca, da senhora condessa de Soure (filha), de todas as «franças» nobres do tempo, emfim, — e da menina D. Luiza de Sousa Villanova. Sabe escandalos de toda a gente, pôdres de todas as familias, faz recadinhos d'amor, toca deliciosamente modinhas ao cravo, ensina os *caniches* das fidalgas a fazer habilidades, — e coisa curiosa, coisa impagavel, não perde a linha, é sempre correcto, sempre palaciano, sempre distincto. Tem só um defeito: em toda a parte onde veja um espelho, Muffiéri põe-se logo defronte, a fazer caretas, a ensaiar posições. Apanhou um tremó, pousou os frasquinhos, — e lá está elle a morder os beiços, a procurar attitudes, a mão na cinta, o tricorne debaixo do braço, velho como um fructo secco, galante como um *petit-abbé*.

N'isto surge-lhe no espelho a figura da sua deliciosa cliente, volta-se: é a nossa «frança»

sinha» que vem entrando, muito dengosa, muito lenta, amparada á moça de camara, com um grande penteador de sêda branca, umas chinnellinhas meudas de velludo berne, os dedos cheios de joias, sorrindo e apertando voluptuosamente nos dentes um alperce cristalisado. Levam bem cinco minutos a fazer medidas um ao outro. Depois a *signorina* senta-se n'um tamborete doirado, diante do tremó, e enquanto come confeitos d'uma maneira vertiginosa, Muffiéri procede solememente á edificação d'um inverosimil penteado «á hungara», riçando, empoando, accumulando joias, laços, rosiclêres, ondeando, encannudando, encaracolando, creando em volta de si uma atmosphéra asphyxiante de perfumes e de pós de França.

Por fim termina-se o penteado. A nossa «frança» parece uma figurinha de Watteau ou de Boucher. O cabelleireiro recolhe os frascos, os ferros, os polvilhos, a menina ergue-se, levam outra vez cinco minutos a fazer medidas, e Muffiéri sae, cortejando n'um italiano cerrado, saltitando, dançando, andando de costas.

Procede-se então á *toilette* para a missa.

D'ahi a pouco, a «françasinha» sae da sua guarda roupa, vestida estupendamente, com uma saia de bambolins na ultima moda, um grande manto de velludo côr d'ouro velho, que era a côr que mais se usava então, muitas joias, muitos laços, muitos signaes de tafetá. A *dueña* entrega-lhe a borla de arminhos que ella ha de levar comsigo para se empoar constantemente, e a bocetasinha d'ouro das «moscas» para substituir alguma que porventura caia. Pelo seu lado, a moça de camara toma religiosamente nas mãos um pequeno coxim de damasco vermelho para a menina ajoelhar na Egreja, — e a menina n'uma poltrona, a *dueña* e a moça em tamboretas, aguardam as tres, sentadas e immoveis, que em baixo na cocheira apparelhem o côche d'arruar. Batem as dez, fóra, em todos os sinos da cidade, — e dentro em todos os relógios da sala, que tilintam minuetes. Por fim surge um creado empoado, de libré: Sua Excellencia pode descer, está prompto o côche e o senhor Desembargador espéra.

Então, a menina desce, sempre amparada á moça, em pequeninos ais de cansaço que no tempo eram d'uma distincção suprema.

No pateo, o pae aguarda-a, de *cadogan*, luneta de punho d'ouro e ares desembargatorios, dá-lhe a mão a beijar, — e entram os dois na berlinda, uma rica berlinda doirada, muito nobre, muito solemne, muito oscillante, com per-

sevão de mosaico e pinturas de Pedro Quillard, um francez mandado vir por D. João V, que pintava deliciosamente á maneira de Watteau. Ao subir o estribo, a nossa «francasinha» mostra o pé,—um pé adoravel, pequenino, calçado de veludo vermelho, um pé que faria honra a Luiz XV e ao sapateiro Choisy,—um pé tão singularmente lindo, que um frade que vae passando curva-se todo em *Gloria Patri* para o vêr melhor, e um «faceira» fidalgo deixa cair a luva para ter um pretexto para se abaixar um pouco... O creado ergue o estribo, curva-se, sóbe ás taboas, o cocheiro fustiga os frisões, e a berlinda parte, doirada e cambaleante, pelo Bairro Alto, até S. Roque, entre frades e galdranas, casquilhos e baetas. O tejadilho aflora quasi a

alpendrada dos resaltos, e d'uma janella de rótula, ao passar o côche, uma voz esganiçada de michéla trauteia o «minuete do casquilho»:

*«Ai que senhora
Como é formosa,
Peito de rola,
Faces de rosa.*

*Entra na Egreja
Toma agua benta,
Só de creadas
Traz bem sessenta.*

*Vê o seu seio,
Guarda o seu léque,
Olha em seu peito
O rosiclér...*

Quando a berlinda pára á porta da Egreja, uma nuvem de mendigos rodeia-a, coberta de chagas e de farrapos. O desembargador, que sae primeiro do côche, tem de os afastar, com a ponta do bastão,—não vá a canailha amarrotar os bambolins da menina ou furtar-lhe alguma joia do cabello. Depois, na Egreja, são as «franças» amigas e conhecidas que envolvem a



recemchegada, em passinhos dançados, chiando em falsete, muito empoadas, rindo muito, cortejando-a, beijando-a, rodeando-a, trocando epithetos ridiculos que são «a prata quebrada dos encontros»:

— «A minha Delicia! A minha Exquisita! A minha Ternura!»

Entretanto, junto á pia d'agua-benta, os casquilhos e os «faceiras», de casacas de sêda, braços d'arame, chapéu de tres ventos no so-vaco esquerdo, pintados, esticados, cheios de «moscas», de rendas, de joias, aguardam que as «franças» se aproximem, descalcem as luvas de pala e desçam a mãosinha côr de rosa á pia de marmore. E' n'esse momento que os segredos se dizem, que os *rendez-vous* se marcam, que as mãos se apertam ás escondidas, ainda humidas d'agua benta, e que as cartas se trocam ás vezes com um tal descaramento, que era opinião do cardeal da Motta «que sobre cada concha das Egrejas se devia mandar pôr um Cupidinho de pedra...»

Reparem na nossa elegante, a graciosidade com que ella descalça a luva para tomar a agua benta, e o gestosinho calculado e lento com que deixa cahir uma flôr aos pés de certo rapaz de rendigote côr de rosa, muito loiro, que ajoelha immediatamente para a apanhar...

Esse rapaz, que eu lhes apresento agora, é filho segundo do Principal Marco Antonio de Azevedo, antigo ministro dos Extrangeiros de D. João V, — um velho astuto e habil, com um bello perfil de medalha romana e um constante tic nervoso na face, convidado n'esse dia para jantar com D. Diogo de Villanova. Os dois namorados olham-se na mais dôce das contem-plações, ella finge compôr pela miléssima vez o signal do canto da bôcca, elle morde o lenço de hollanda finissima, lêva-o aos olhos, ao peito, ao punho do espadim, n'uma eloquencia muda,— e consideram-se decerto no momento mais feliz da sua vida, quando o padre entra para a missa, com uma riquissima casula de brocado d'ouro, as mãos postas, os olhos baixos, a estola pendente. A *dueña* acerca-se da sua menina, põe sobre o soalho o pequenino coxim de damasco vermelho, e a «françesinha» ajoelha, sem perder de vista o rapaz loiro da casaca côr de rosa, que continúa a namoral-a com o lenço, dengosamente, ostensivamente...

A missa pareceu-lhes curtissima a ambos.

D'ahi a pouco D. Luiza Villanova está de novo dentro da sua berlinda, que ségue, Bairro Alto acima, cambaleante, doirada, solémne. A

dueña, no banco da frente, faz considerações sobre a pouca vergonha com que os casquilhos namoram na missa, irrita-se toda, aflauta a voz, fala nas penas do inferno; a menina afflicta, toca-lhe com o pé, faz-lhe signal para que se cale, e o velho desembargador do Paço, brincando com os grilhões d'ouro do relógio, olha de revés a filha e sorri á socapa, como quem diz: — «Ainda tu cuidas que eu não sei, tontinha!»



O PAE AGUARDA-A, DE «CADOGAN», LUNETTA DE PUNHO D'OURO E ARES DESEMBARGATORIOS...

Ao almoço a nossa «frança» come pouco; apenas uma empada de rôla, um covilhete de amendoa e um gole de chá. Quando vão a levantar-se da mesa, a *dueña* annuncia a prima D. Maria de Lencastre que vem buscar a menina para irem ambas ao convento de Sant'Anna vêr a tia abbadessa. O velho desembargador não gosta muito d'essas visitas a mosteiros, e ainda gosta menos da Prelada, — digna successora da outra que em 1730 fugira com um frade capucho,—mas resigna-se por delicadeza para com a prima Lencastre, que já a esse tempo entra pela sala, muito alegre, rindo muito,



ENTRAM OS DOIS N'UMA RICA BERLINDA DOIRADA, PINTADA Á MANEIRA I E WATTEAU...

toucada de amarello á moda allemã, com uma saia de bambolins que parecem alforges, uma enorme cruz de diamantes ao pescoço, um ro-siclér nos cabellos, um cãosinho ao collo. É a alegria, que entra por ali dentro. A prima Lencastre não é bonita; *c'est la beauté du diable*. Põe tudo em polvorosa, obriga o cão a fazer habilidades em cima d'um tamborete, empôa-se, compõe a charpa, préga o manto, fala muito, fala sempre, n'um falsete impossivel, — e finalmente lá vão ambas com as duas *dueñas*, n'uma berlinda doirada, a caminho do convento de Sant'Anna.

Dizia um bispo do seculo XVIII de certo convento de agostinhas: *«C'est une maison de femmes qui inquiètent l'évêque, leurs familles et les*

vêr surgir a sua freira, de ter logar, de ter vez, namorando Soror Técla, cortejando Madre Pérola, mordendo o lenço, acenando com flôres, atirando beijos. A mania freiratica invadia tudo, arruinava os filhos-familias, endoidecia os velhos, — dava raptos, scenas de sangue, aventuras de capa-e-espada. Durante o seculo XVIII a freira foi um delirio, uma loucura, qualquer coisa de vertiginoso e de inexplicavel. Os «faceiras» não trocavam um quarto d'hora de grade pela maior riqueza do mundo: era curioso vel-os peregrinar de rotula em rotula, de ralo em ralo, correndo os ferros a todos os «conventos conversativos», de manhã á noite, muito rigados, muito cheios de carmim, muito cheirosos a «agua de Cordova», estafados, escorridos d'al-



«SOBRE A CONCHA D'AGUA BENTA DAS EGREJAS DEVIAM MANDAR PÔR UM CUPIDINHO DE PEDRA...»

lieux où elles sont». Que diria o santo prelado se visse a grade do convento de Sant'Anna, ás duas horas da tarde, por volta do anno de 1753? Imaginem uma onda de «faceiras», de «casquilhos», de «bandarras», com todos os vícios da «turina» do tempo, casacas de todas as côres, tricomes de todos os tamanhos, sorrisos de todos os feitios, dançando cortezas em trocadilhos de pernas, fazendo boquinhas, dizendo tolices, falando tiple, os espadins doirados entre as côxas, as luvas de manópla muito espetadas, — tudo isto misturado com vinte ou trinta frades, quarenta ou cincoenta beatas de capotes e rengos brancos, varios fidalgos velhos e devassos, de bastões e casacas de seda preta, — e aqui teem o aspecto d'aquella immensa sociedade de «freiraticos», todos elles á espera de

gibeiras, sem repousar, sem comer. Depois, o amor d'uma freira era o mais caro de todos os amores do tempo: choviam os pedidos, as exigencias, — agora chapéus de plumas e espadins para as Comedias, logo pela Quaresma capellas para os Anjos, depois espadas para os penitentes, capas para as Irmandades, mais tarde dinheiro, joias, o fato, a cabelleira, o relógio, a bolsa, a vida, — e sahia um «freiratico» das grades d'um convento mais depennado do que um frango pelo Natal e mais arrependido do que uma alma do Purgatorio. Mas o arrependimento era curto, — e ali estavam elles outra vez na mira d'aquelles «passaros d'encerro», farejando o ralo, cheirando a grade, mordendo o lenço, atirando beijos, — ainda que se vendesse a quinta, que se empenhasse a sége, que



O PAPAGAIO FALOU E O CÃO SINHO FEZ HABILIDADES SOBRE UM TAMBORETE...

se destruísse a commenda, que se acabasse a farçola, que se perdesse o mundo.

Foi essa multidão de «freiraticos» que as nossas duas «franças» tiveram de atravessar, á entrada e á sahida, na visita á tia Abbadessa, onde se tinha falado das modas do Paço, das joias dos genovezes, tocado cravo, dançado, comido dôce d'ovos, intrigado, escandalizado, discutido, — n'uma palavra, tratado de tudo menos de religião. A visita demorára bem tres horas. Ao subir para o côche, a prima Lencastre, muito mais ladina, não poudo conter-se que não dissésse ao ouvido da outra, muito corada, muito afogueada: — «Afinal, prima, dizem que a tia Abadessa... tambem tem um frade capucho!»

As quatro horas da tarde estão ambas de volta: já o Principal Marco d'Azevedo passeia no jardim com o Desembargador, gravemente, lentamente, ambos de rabichos brancos, de casacas de seda, discutindo os ultimos acontecimentos politicos, o tratado com a Hespanha, o estado de coisas na Austria.

D'ahi a pouco jantam. Grandes cabritos assados sobre enormes bandejas de prata, — que dariam para o jantar d'uma comunidade. Dôces de convento, abundantes, brutaes, — bolos podres, toucinho do Céu, moletes, sevados, argolinhas. No fim, toda a botelharia abaixo. Como já não ha luz do dia, accendem cincoenta vélas de cêra: parece um serão do Paço. As duas «franças» tagarelam em falsete, riem de

tudo, brincam com o cão, mandam vir o papagaio, dizem tolices, puerilidades. De vez em quando, Luiza Villanova recorda-se do lindo rapaz de casaca côr de rosa que namorára na missa, que namorava sempre que sahia, e cujo pae ali estava diante d'ella, dizendo mal de Alexandre de Gusmão, com o seu rude perfil de Cesar antigo, constantemente em contracções, em *tics* nervosos. Se elle viesse tambem, ao menos logo, ao serão! E d'ahi, quem sabe? Talvez que aquelles dois velhos tão cheios de gravidade tivessem pensado já em os casar... E a nossa «frança», muito gulosa, comendo um palito *de la Reina*, fazia em segredo confidencias curiosissimas á prima, — como o encontrára, como lhe falára a primeira vez, como começára a gostar d'elle...

Entretanto, o velho Marco d'Azevedo continuava a falar de politica com o desembargador, a queixar-se ásperamente de El-Rei D. José, que o exonerára de ministro para o substituir por um tal Sebastião de Carvalho, a fazer afirmações sobre o futuro, que lhe apparecia cheio de difficuldades pelo lado de Hespanha... E quanto mais se enchia de razão mais os *tics* redobravam, d'uma forma afflictiva e tão lamentosamente risivel, que a *dueña* não poudo conter-se, começou a rir como uma perdida, engasgou-se, teve um desmaio e foi cahir nos braços do antigo ministro do senhor D. João V. A gargalhada communicou-se ás «franças», que tombaram suffocadas de riso sobre

um sophá, — enquanto Marco Antonio d'Azevedo, com a *dueña* desmaiada sobre o braço esquerdo, agitava desastradamente um léque de rendas e pedia, muito afflicto, que trouxessem um frasco d'*Agua da Rainha da Hungria*...

Muitas desculpas, muitas medidas, — e a dona velha é transportada para a sua camara. Se-

gou-se o minuete. Alexandre Antonio de Lima, o poeta, glosou varios motes dados por D. Violante de Portugal. O celebre musico David Peres, que ainda hoje se vê pintado em Queluz no tecto da sala das Talhas, tocou deliciosamente Bach n'um bello cravo hollandez. Por fim, quando Luiza Villanova já estava para

um canto, triste e sem esperanza, viu de repente surgir ao fundo uma casaca côr de rosa, muito galante, uns bofes de renda picada de prata, uma luneta ávida que a procurava: era Elle, — o Elle com E grande que faz suspirar todas as Ellas, que as deixa tristes com uma palavra e doidas com um sorriso. Entretanto, ao canto da sala, junto d'uma enorme faiança chineza, o antigo ministro de D. João V perguntava ao velho Desembargador, vendo aproximar-se os namorados n'uma medida, como duas figurinhas empoadas de Greuze:

— «Então, quando casamos os pequenos?»

Pela meia noite, o pateo estava cheio de cadeirinhas, de seges, de berlindas. As visitas foram sahindo pouco a pouco, foram-se apagando as luzes, fechando as janellas, rodando os côches; — e a nossa «francesinha», d'ahi a meia hora, seguida da *dueña* e da moça de camara,

entrava placidamente, virginalmente, na sua alcova cerrada. A tapeçaria d'Arrás, onde as duas personagens tecidas d'ouro gesticulavam, no fundo verde-pallido d'um bosque, cahiu de novo, pesada e silenciosa, sobre o «deitar da França».

E nós, resignadamente, como o precioso abade de Choiseuil, — fechamos os olhos...

JULIO DANTAS.

(Illustrações de Roque Gameiro)



DANÇARAM O MINUETE, GRAVEMENTE, SOLEMNEMENTE...

gundo opinião do Desembargador tinham sido flatos. Segundo opinião do antigo ministro tinha sido uma fatalidade: a *dueña*, ao cahir-lhe nos braços, enchera-lhe a casaca de polvilhos e de pinturas.

Começaram a entrar visitas para o serão. Accenderam-se mais cincoenta vêlas de cêra, tocaram-se ao cravo modinhas e lunduns, dan-

